

TIPO DE ORAÇÃO E EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL

*Vera Lúcia Paredes Silva**

RESUMO

A influência do tipo de oração na escolha entre expressão explícita do sujeito ou sua ausência, em dados de fala e escrita informal, é analisada a partir da hipótese de Mathiessen & Thompson (1988) de que a gramática da sentença reflete a organização retórica do texto.

Palavras-chave: Sujeito pronominal; Tipo de oração; Sociolinguística quantitativa.

Na perspectiva do funcionalismo americano, as relações entre expressão do sujeito e tipo de oração têm sido investigadas pelos interessados nos graus de articulação entre orações. Tais estudos têm em comum a substituição da tradicional dicotomia coordenação/ subordinação por um tratamento escalar dos processos de relacionamento entre orações. Assim, para estabelecer uma tipologia desses processos, Lehmann (1988), por exemplo, propõe um conjunto de critérios, entre os quais se inclui a expansão/redução da oração “subordinada”. No processo de redução, dá-se a dessentencialização da oração subordinada, ou seja, a perda de suas características próprias de oração, como marcas de tempo, modo; a forma de representação do sujeito se insere nesse quadro.

A perspectiva que adotamos neste trabalho segue outra direção: a partir de um estudo que focaliza a expressão variável do sujeito da oração nas três pessoas gramaticais, trabalhamos com os tipos de orações como uma variável, passível de influenciar a opção do falante por um sujeito explícito ou não. A análise baseia-se nos postu-

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

lados da sociolinguística quantitativa laboviana e utiliza como corpus uma amostra de língua escrita informal (70 cartas pessoais de cariocas escritas na década de 80) e 16 entrevistas sociolinguísticas que integram o acervo do Projeto PEUL/UFRJ, gravadas no início dos anos 80 e cerca de 20 anos depois.

Pretendo demonstrar que o tipo de oração é, de fato, um dos fatores correlacionados à forma de expressão do sujeito, mas que esta correlação apresenta matizes diferentes, conforme se trate de fala ou escrita, e ainda depende do papel da pessoa gramatical em questão, no contexto discursivo mais amplo. Fundamento minhas interpretações na teoria da estrutura retórica do texto, conforme desenvolvida por Mathiessen & Thompson (1988).

No âmbito dos estudos variacionistas sobre a expressão do sujeito pronominal, tem-se enfatizado a importância da coordenação entre orações como processo capaz de promover a omissão do sujeito. Aliás, o apagamento de elementos idênticos, sejam eles de natureza nominal ou verbal, em estruturas coordenadas é um traço constante nas mais diferentes línguas, como se pode ver em Langacker (1972), por exemplo.

Entre as análises variacionistas do sujeito no português, Lira (1982), em dados de fala carioca, constata que são as orações coordenadas em posição não-inicial as que mais favorecem a omissão do sujeito pronominal. Observa, contudo, a associação desse fator com a manutenção do mesmo referente no sujeito: havendo coordenação com mudança de referência no sujeito, combinação que, do ponto de vista percentual, é muito menos freqüente, a taxa de omissão cai naquelas orações. No pólo oposto, se situam as orações relativas como as que mais preservam o sujeito pronominal.

Duarte (1995), numa análise da fala culta carioca, também verifica que as orações adjetivas são as menos propícias à omissão do sujeito e encontra igualmente nas independentes – das quais exclui as coordenadas não iniciais – o contexto mais favorável à omissão.

Nossa análise, diferentemente das acima citadas, trabalhou com a expressão variável do sujeito em cada pessoa gramatical, considerada em separado. A motivação inicial para esse tratamento foi o fato de as taxas de omissão serem muito diferentes na 1ª e na 2ª pessoa na modalidade escrita – 77% e 30% respectivamente (cf. Paredes Silva, 1988) e ainda o fato de na 3ª pessoa ter-se a possibilidade de alternância entre pronome, SN e anáfora zero.

Para análise do *corpus* de língua escrita (cartas pessoais), ao lado de outros grupos de fatores, foi examinada a influência do tipo de oração e, para tanto, foi feita inicialmente uma classificação bastante minuciosa das orações,¹ levando em conta ao mesmo tempo relações de dependência e posição no período. Posteriormente,

¹ Lembremos que só foram incluídas no estudo as orações com verbo em forma finita.

para a 1ª pessoa, a classificação acabou por ficar reduzida a três tipos: *independentes*, *dependentes* e *principais*.

Estão reunidas sob o rótulo de *independentes* todas as orações sintaticamente autônomas, que não têm função sintática em outra (encaixadas) ou lhe acrescentam circunstâncias (adverbiais). Assim, neste conjunto temos as orações *absolutas*, que constituem os chamados períodos simples em português, como em destaque no exemplo 1 abaixo; as orações *intercaladas*, separadas por parênteses ou travessões, que apresentam comentários paralelos, mantendo sua independência sintática, como em 2; e as orações em seqüência nos chamados *períodos coordenados*, como em 3; no último caso, foram codificadas separadamente as iniciais e as não-iniciais.

- (1) Não se preocupem, estou sozinha na minha fileira. *Tenho três cadeiras só para mim.* A decolagem foi perfeita, eu fiquei na janela, não deu nem fio de medo. Estou ao lado da asa, estou gostando. (AD, p. 5)
- (2) Eu sei que você está fazendo um curso relacionado com português (*eu me livre!*), mas, por favor, quando escrever para mim escreve com um portuguesinho mais baixo, falô?! (MA, p. 1)
- (3) *Estou ao lado da asa, estou gostando.* (AD, p. 5)

O exemplo 1 acima, inclusive, serve para ilustrar a semelhança sintática entre orações de período simples e orações coordenadas. Não vemos outra razão, a não ser de ordem estilística (talvez o desejo de destacar o amplo espaço que lhe cabia no avião), para a emissora isolar o único período simples da seqüência.

Contradizendo a hipótese de que coordenadas não-iniciais favorecessem mais a omissão do sujeito, conforme Lira (1982), nossos dados apontavam uma diferença de apenas quatro pontos percentuais entre aquelas orações e as iniciais de um período coordenado. Além disso, as demais *independentes* apresentavam todas elas taxas muito próximas (e elevadas) de omissão do sujeito, como se pode verificar na Tabela 1, o que justificou seu amálgama:

Tabela 1
Percentagens de ausência do sujeito de 1ª pessoa nos sub-tipos
de orações *independentes* (*corpus* escrito)

	Apl/T	%
Absolutas	189/235	80
Intercaladas	42/56	75
Coord. iniciais	173/216	80
Coord. não iniciais	265/347	76
Total	669/854	78

Quanto às orações *principais*, na 1ª pessoa predominaram as antepostas (77% do total), como em 4, abaixo. São geralmente curtas, constituídas de apenas um verbo que expressa desejo ou opinião do emissor. As pospostas normalmente se seguem a orações adverbiais, como em 5. Foi no conjunto de orações principais que a taxa de omissão do sujeito se apresentou mais alta no corpus escrito (83%):

- (4) *Espero que tenha recebido o cartão.* (FE, p. 1)
 (5) *Poucos dias antes de sair de Ouro Preto, fiquei sabendo que vocês vão para a formatura do R.* (JO, p. 1)

As chamadas orações *dependentes* englobam as encaixadas (substantivas e adjetivas da nomenclatura tradicional) e as adverbiais, como em 6, 7 e 8, respectivamente:

- (6) *Acho que realmente vou ter um amigo embaixador* (FA, p. 2)
 (7) *Ah! O café que eu trouxe já acabou, mas o B. gosta muito.* (AD, p. 3)
 (8) *Assim que eu tiver alguma novidade vou te escrever* (NA, p. 4)

Esse foi o grupo em que se encontrou o menor número de orações com sujeito de 1ª pessoa: elas representam apenas 21% do total nas cartas analisadas. Esses resultados ratificam o ponto de vista de Duranti & Ochs (1979), sobre a relação entre proeminência de referentes e tipo de enunciado. Afirmam eles ser uma medida da proeminência de um referente o *status* da oração que o contém. Ora, em cartas pessoais, o sujeito de primeira pessoa é sem dúvida o mais proeminente, e seu lugar preferencial é a oração principal.

A Tabela 2 apresenta os resultados referentes à influência do tipo de oração no uso de sujeitos de 1ª pessoa, depois de amalgamados os subtipos inicialmente codificados:

Tabela 2
Efeito do tipo de oração sobre a ausência de
sujeitos de 1ª pessoa (escrita)

	Apl/T	%	P.R.
Principais	372/446	83	.61
Independentes	669/854	78	.52
Dependentes	230/350	66	.37
Total	1.271/1.650	77	

Observe-se que, em termos de freqüências apenas, *principais* e *independentes* estão muito próximas, opondo-se ambas às *dependentes*. A gradação fica mais clara quando olhamos os pesos relativos. Em busca de uma interpretação para esse resul-

tado, que coloca a oração *principal* como a mais favorecedora de omissão do sujeito de 1ª pessoa, encontramos na teoria da estrutura retórica de Mathiessen e Thompson (1988) uma possível explicação. Os autores ali defendem que a gramática da combinação de orações reflete a estrutura retórica do discurso, isto é, as relações retóricas entre as partes componentes do texto, e que todos os textos podem ser descritos em termos dessas relações hierárquicas entre suas partes. Distinguem dois tipos principais de relações: as relações *núcleo-satélite* e as relações de *lista*. As primeiras se fizeram presentes em todos os textos escritos por eles analisados: sempre haverá partes do texto que realizam os objetivos centrais do escritor, enquanto outras são apenas auxiliares, suplementares. Por outro lado, as relações se apresentam como lista quando não há propriamente hierarquização. É evidente a analogia entre núcleo-satélite e hipotaxe, e lista e parataxe, para usar a mesma terminologia dos autores.²

Ora, em cartas pessoais, de cunho marcadamente subjetivo, o *eu* ocupa posição central. É a partir dele, de suas opiniões, de suas crenças que o texto se constrói. Por isso é natural que predomine como sujeito de orações que preferencialmente apresentam o que é núcleo, na linha de Mathiessen & Thompson: as orações *principais*.

Quanto às orações *dependentes*, podemos inverter o argumento usado para as principais: no contexto da carta pessoal, a figura do emissor, em sua centralidade, deve ocorrer menos em orações dependentes. Quando isso se dá, contraria-se uma expectativa, o que aumenta a probabilidade de expressão do pronome *eu*.

A Tabela 3 mostra a forte correlação, na escrita de cartas, entre orações principais e sujeitos de 1ª pessoa, quando confrontados com o uso das demais pessoas em orações principais e nas demais orações: do total de orações principais levantadas no corpus, 75% tinham sujeito de 1ª pessoa. No restante das orações essa distribuição é mais equilibrada:

Tabela 3
Distribuição de orações principais e não principais entre os sujeitos das três pessoas, em cartas pessoais

	Principais	Não-principais
1ª pessoa	446 = 75%	1.204 = 54%
2ª e 3ª pessoa	146 = 25%	1.017 = 46%
Total	592 = 100%	2.221 = 100%

No que diz respeito à língua falada, em primeiro lugar é preciso reconhecer a dificuldade em distinguir por vezes orações independentes em períodos simples de

² Em seu artigo, Mathiessen & Thompson evitam os termos *subordinada* ou *adverbial*, tratando como *hipotaxe* o processo de articulação dessas orações.

seqüências coordenadas, o que se pode tornar tarefa árdua sem o auxílio de recursos prosódicos ou de medição de pausa. A presença de um conectivo não serve como critério: muitos períodos simples são começados por conjunções coordenativas e muitas orações coordenadas dispensam conectivo. A propósito, vejam-se os exemplos abaixo:

- (9) Eu estava grávida da C., barrigão de sete, oito, nove meses! (riso) Pegava esse ônibus Caxias, em pé, ia a Madureira! Tenho dois braços, eu carregava três sacolas! (falando rindo) Como eu conseguia fazer isso? (Eve. Censo, p. 3)
- (10) Adoro Rocha Miranda. E eu não vejo defeito em Rocha Miranda, não é? (Joss. Censo, p. 1)

Assim, embora também tenhamos inicialmente feito uma classificação detalhada das orações nos dados de fala, nos mesmos moldes da aplicada em Paredes Silva (1988), acabamos por ficar reduzidos a quatro fatores neste grupo: *independentes*, *coordenadas não-iniciais*, *principais* e *dependentes*. No presente caso, valeu a pena manter separadas as orações *coordenadas não-iniciais*: foram elas de fato as que mais propiciaram o apagamento do pronome sujeito de 1ª pessoa.

Ressalte-se que o número de *independentes*, somadas as coordenadas iniciais, não-iniciais e absolutas, representa 70% do total de orações analisadas, o que confirma a observação de Chafe (1988) de que são essas orações as predominantes na fala e, ao mesmo tempo, condiz com as hipóteses de Mathiessen & Thompson (1988) sobre estruturas em lista. A esse respeito, observe-se que o gênero de fala investigado – entrevistas sociolinguísticas – pode ilustrar uma organização em lista, uma vez que nele predominam seqüências narrativas e descrições de vida do falante.

A Tabela 4 apresenta os resultados referentes à ausência de sujeito de 1ª pessoa nos dados de fala carioca do Projeto PEUL:

Tabela 4
Efeito do tipo de oração sobre a ausência de sujeitos de 1ª pessoa (fala)

	Apl/T	%	P.R.
Coord. não-iniciais	336/724	46	.63
Independentes	158/505	31	.57
Principais	46/ 276	17	.34
Dependentes	21/252	8	.19
Total	561/1.757	32	

Em primeiro lugar, note-se que há uma verdadeira inversão, em termos de totais, entre a ausência de pronomes de 1ª pessoa na fala (32%) e na escrita (77%).

Essa disparidade, mais própria da 1ª do que das demais pessoas (cf. Paredes Silva 2000), parece confirmar a tendência ao preenchimento do sujeito na fala, ao lado de uma escrita mais polida e conservadora.³

O ponto a salientar na comparação entre as tabelas para fala e escrita é a força do condicionamento da oração principal na escrita de cartas. Quanto aos pesos relativos mais baixos para a ausência de sujeito nas orações dependentes, esse resultado está de acordo com a observação de Haiman (1985) sobre o fato de orações subordinadas tenderem a marcar seu sujeito, estando menos propensas à redução.⁴

Comparando-se as tabelas para fala e escrita, observa-se que, apesar de os percentuais serem bem diferentes nas duas modalidades, há um escalonamento dos pesos relativos, que deixa as orações dependentes sempre em último lugar.

Os resultados acima expostos podem ser confrontados com os referentes à análise de sujeitos de 2ª pessoa em cartas.⁵ Nesse caso, a variável tipo da oração foi ligeiramente modificada em sua configuração. Primeiramente, a análise dos dados exigiu que fossem separadas as orações imperativas e interrogativas. As primeiras foram excluídas do *corpus*, pelo fato de nelas ser praticamente categórica a ausência de sujeito. Já as interrogativas passaram a ocupar sozinhas uma classificação, opondo-se a todas as não interrogativas dos outros subtipos. Tais orações se revelaram, ao lado das coordenadas não-iniciais, as mais favorecedoras da ausência do sujeito em cartas: uma vez que colocam o destinatário no centro das atenções, permitem que o pronome seja omitido.⁶ Veja-se o exemplo 10 abaixo, em que a uma pergunta *qu-* se segue outra *sim/não*:

(10) *Como é, A, quando (0) volta para cá pro nosso humilde país do terceiro mundo? (0) Ainda não se cansou de tanto desenvolvimento? (CL, p. 4)*

Neste caso, há dois elementos iniciadores – a expressão *como é* e o vocativo – que já preparam o terreno para a pergunta. Porém, não é necessária a presença de elementos desse tipo para que a omissão tenda a ocorrer. Parece que a própria marca formal – o ponto de interrogação – facilita a identificação do destinatário, favorecendo sua ausência mais freqüente. Aliás, a pontuação não faz senão tentar reproduzir a entonação interrogativa, fator a que atribuímos a ausência de sujeitos de 2ª pessoa na fala (cf. Paredes Silva 1998). Note-se que é nas interrogativas, ao lado das coordena-

³ Lembremos que as cartas pessoais analisadas foram escritas por cariocas que tinham pelo menos o segundo grau completo.

⁴ Estou estendendo a observação de Haiman, referente às adverbiais, ao conjunto das aqui chamadas dependentes.

⁵ Não foi possível a comparação com o uso da 2ª pessoa no *corpus* de entrevistas sociolinguísticas, uma vez que nesse gênero são muito escassas as referências específicas à 2ª pessoa.

⁶ A influência das orações interrogativas no sujeito zero, especialmente nas perguntas *sim/não*, se confirmou em outro estudo envolvendo a alternância *você/ce/zero* em interações espontâneas. (cf. Paredes Silva, 1998)

das, que a taxa de omissão alcança os níveis mais altos, comparada com a média de 32% na 2ª pessoa.

A Tabela 5 apresenta os pesos relativos obtidos para a ausência de 2ª pessoa em cartas.

Tabela 5
Efeito do tipo de oração na ausência de sujeitos
de 2ª pessoa (escrita)

	Apl/T	%	P.R.
Interrogativas	35/84	42	.68
Coordenadas	29/63	46	.67
Adverbiais	20/65	31	.59
Encaixadas	32/140	23	.40
Independentes	06/37	16	.36
Principais	08/46	17	.30
Total	130/435	30	

Como se pode verificar, as orações *principais* representam, na 2ª pessoa, o contexto oracional menos favorecedor da omissão do sujeito, colocando-se no extremo oposto da hierarquia obtida para a 1ª pessoa (cf. Tab. 2). Também as *independentes*, que aqui incluem coordenadas iniciais e absolutas, apresentam números baixos. Ora, há certa semelhança de comportamento entre esses dois grupos: na verdade, coordenadas iniciais e principais são ambas iniciadoras de unidades discursivas. A propósito, veja-se o exemplo 11, em que o emissor retoma tópico de carta anterior, contexto típico de uso das principais na 2ª pessoa, juntamente com a alta a incidência de verbos *dicendi*:

- (11) *Você na última carta (e primeira, aliás) me pergunta se a A tinha recebido mais cartas.* (BI, p. 4)

Nossa interpretação para o aumento do pronome sujeito nessas orações segue o mesmo princípio que justifica sua queda na 1ª pessoa: a centralidade de uma vs. a perifericidade de outra no discurso da carta. Quando, contrariando as expectativas, a 2ª pessoa, normalmente periférica, aparece em orações mais centrais, torna-se mais necessário explicitar seu sujeito.

Resta-nos comentar as orações *dependentes*, que aqui aparecem subdivididas em *encaixadas* e *adverbiais*. As *encaixadas* correspondem às substantivas e adjetivas da nomenclatura tradicional, como nos exemplos 12 e 13:

- (12) *Soube que você pegou um resfriado muito forte.* (CL, p. 1)
(13) *Me escreva dizendo o que (0) acha da idéia.* (CA, p. 1)

As *adverbiais* podem ocorrer antepostas e pospostas a sua principal, como se vê em 14 e 15, respectivamente:

(14) Bem, *quando (0) escrever*, conte-me as novidades. (LU, p. 2)

(15) (P. e B.) estão bastante fortes, *como você pode ver nas fotos em anexo*. (DI, p. 4)

Não surpreende que as dependentes (encaixadas e adverbiais) ocupem a posição intermediária dentro do conjunto. Afinal, essas são as orações onde mais se espera encontrar um sujeito de 2ª pessoa em cartas. O que ressalta é a diferença entre as encaixadas e as adverbiais, com pesos relativos que apontam as últimas como bem mais favorecedoras da omissão do sujeito.

Nesse ponto, é preciso que se esclareça que a maioria delas (63%) ocorre em anteposição, e se classifica como condicional ou temporal. Ainda na linha da interpretação de Mathiessen & Thompson (1988), temos aqui um satélite que precede seu núcleo, e isso costuma ocorrer quando a oração é temática. Desse modo, ela pode relacionar-se ao contexto precedente para retomá-lo ou sinalizar uma mudança de rumo no discurso. Como se nota pelo exemplo 14, a oração adverbial em prótase tende a direcionar-se claramente para o destinatário, com verbos como *puder*, *quiser*, etc.

Em suma, a análise evidencia que o tipo de oração em que ocorre o sujeito é, de fato, capaz de influenciar a escolha da sua forma de expressão. Entretanto, tal correlação não se estabelece em termos puramente formais, em virtude do processo de estruturação sintática em causa, mas sim através da oração como reflexo da estrutura retórica do discurso. Assim, no discurso da carta pessoal, como está claramente definido o papel central do emissor, orações *principais* e *independentes* representam, nessa ordem, seu contexto preferencial, promovendo a ausência do pronome de 1ª pessoa. Na 2ª pessoa se dá exatamente o inverso, com essas orações favorecendo o sujeito explícito. Por outro lado, o pronome de 2ª pessoa (que, em percentagens globais, se faz muito mais presente) é capaz de alcançar taxas de omissão mais altas em três tipos de orações: *interrogativas* e *adverbiais* em prótase, por serem claramente direcionadas para o destinatário; e *coordenadas*, estruturas que normalmente favorecem a omissão de referentes repetidos.

Quanto à fala, parece que o predomínio de uma organização em *lista*, nos termos de Mathiessen & Thompson (1988), considerando os encadeamentos das seqüências narrativas e descrições de vida predominantes nas entrevistas examinadas, contribui para elevar a taxa de omissão de pronome na 1ª pessoa em orações coordenadas.

ABSTRACT

This article discusses the influence of clause type in the choice between explicit subject pronoun and zero subject in informal written and spoken Portuguese of Rio de Janeiro. The analysis is based on Mathiessen & Thompson (1988) rhetorical structure theory, stating that the grammar of the clause reflects the grammar of the organization of discourse.

Referências bibliográficas

- CHAFE, W. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.
- DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio evite pronome no português brasileiro**. Campinas: Unicamp, 1995. (Tese, Doutorado em Lingüística).
- DURANTI, A.; OCHS, E. Left dislocation in Italian conversation. In: GIVÓN, T. (Ed.). **Syntax and semantics**. v. 12: Discourse and Syntax.
- HAIMAN, J. **Natural syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- LANGACKER, R. **Fundamentals of linguistic analysis**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.
- LIRA, S. **Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese**. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1982. (Ph.D Dissertation).
- MATHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.
- PAREDES SILVA, V. L. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. (Tese, Doutorado em Lingüística).
- PAREDES SILVA, V. L. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 121-138, jul./dez. 1998.
- PAREDES SILVA, V. L. **Motivações funcionais para o uso do pronome sujeito: uma análise em tempo real**. Relatório parcial de pesquisa apresentado ao CNPq. Rio de Janeiro, jul./2000.